

POLÍTICAS PÚBLICAS, SAÚDE COLETIVA E PSICOLOGIA SOCIAL: FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR COMO ESTRATÉGIA DE (RE)EXISTIR

Aline Almeida Martins¹
Mariana Fagundes de Almeida Rivera²
Mylena Silva Bastos³
Nayara Portilho Lima⁴
Ianni Regia Scarcelli⁵

CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA

Compreendendo que a formação em saúde é emblemática para refletir questões ligadas às políticas públicas e ao diálogo estabelecido entre estas e a psicologia social (SCARCELLI, 2017) e considerando os pressupostos da psicologia social formulada por Enrique Pichon-Rivière (2005), o presente relato objetiva apresentar e refletir uma experiência que articula ensino-pesquisa-extensão em uma perspectiva interdisciplinar. Refere-se a uma disciplina do curso de graduação em psicologia da Universidade de São Paulo (USP), oferecida a partir do segundo semestre (1º ano) e que introduz o tema das políticas públicas e da saúde coletiva incluindo estágio curricular.

Esta disciplina, denominada "Políticas Públicas, Saúde Coletiva e Psicologia Social", baseia-se em referenciais teóricos, metodológicos e práticos que sustentam o trabalho grupal como fortalecedor dos seus sujeitos integrantes. Enquanto estratégia de apoio ao ensino voltado para área social, possibilita recursos aos graduandos se apropriarem dos fundamentos dos campos abordados. Ao mesmo tempo, oferece condições para se prepararem às atividades práticas no campo de estágio que acontece principalmente fora dos muros da universidade, promovendo interligação entre os lugares e os saberes. Isso também é intensificado pela potência dos encontros e de suas trocas, dada a pluralidade dos estudantes matriculados, que cursam a disciplina em diferentes períodos da graduação em psicologia ou em outros cursos.

Os estágios previstos pela disciplina também contribuem para o aprimoramento das relações entre universidade e campos de práticas, ampliando a rede interinstitucional em

¹ Mestranda pelo Curso de Pós Graduação em Formação Interdisciplinar em Saúde da Universidade de São Paulo - USP, aline_martins@usp.br;

² Mestre em Psicologia Social pelo Instituto Psicologia da Universidade de São Paulo - USP, mariana.fagundes.rivera@gmail.com;

³ Graduanda em Psicologia pela Universidade de São Paulo, mylena.s.b@usp.br;

⁴ Psicóloga sanitária, mestranda em Saúde Coletiva pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva - FMUSP, naportilho@gmail.com;

⁵ Professora livre docente, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo - USP, iannirs@usp.br.

contínua construção. Essa rede é principalmente composta em conjunto com profissionais e gestores do sistema de saúde, o que implica desdobramentos relevantes à grade curricular do curso de psicologia, bem como à formação estudantil.

A partir de relatos dos próprios estudantes e monitores e por meio dos materiais produzidos ao longo da disciplina, é possível observar que essas experiências se constituem como transformadoras em relação à vida acadêmica e à vida profissional.

Essa experiência tem se mostrado como uma modalidade inovadora de ensino em que a prática pedagógica dialógica está em contínuo processo de reflexão participativa. Ademais, tem contribuído também como apoio ao programa de permanência estudantil da universidade.

DESCRIÇÃO

A disciplina aborda e oferece diálogo entre questões referentes às políticas públicas, ao Sistema Único de Saúde (SUS), à saúde coletiva e à psicologia social. Isso acontece por meio de um cronograma que mescla aulas expositivas, discussões em grupo, transmissão de filmes, constituição do campo de estágio curricular. Embora oferecida em um semestre ideal para estudantes do primeiro ano, possibilita a participação daqueles dos demais anos e estudantes de outros cursos, o que proporciona uma heterogeneidade ao grupo que é fundamental para as discussões realizadas e operatividade do grupo no processo de aprendizagem.

A dinamicidade da disciplina se dá também pela participação de monitores (graduandos e pós-graduandos), que trabalham em equipe – em uma perspectiva interdisciplinar que é também inspirada pela teoria pichoniana – e compartilham suas práticas desenvolvidas no e/ou articuladas ao SUS, seja como estagiários, seja como profissionais.

Nas aulas semanais são discutidos temas que orientam o preparo e o desenvolvimento das atividades práticas e, ao mesmo tempo, estimulam a reflexão teórica no que se refere a:

1. Questões acerca das políticas públicas como campo de estudos que problematiza noções como as de desigualdade e exclusão (MARTINS, 1997; COUTINHO, 2000);
2. Aspectos político-jurídicos (SCARCELLI, 2017) do SUS, assim como sua história, implementação (PAIM, 2015) e constante luta por continuidade;
3. Reflexão sobre saúde mental e o campo da saúde coletiva, trazendo problematizações a partir da luta antimanicomial (BIRMAN & COSTA, 1994; SCARCELLI, 2011);
4. Questões de gênero, raça e classe na interface com as políticas públicas de saúde (RIVERA, 2020);

5. Aspectos da teoria pichoniana (PICHON-RIVIÈRE, 2005) das três dimensões – psicossocial, sociodinâmica e institucional - e dos quatro âmbitos de análise – político-jurídico, social-cultural, teórico-conceitual e técnico assistencial (SCARCELLI, 2017)).

O estágio, sustentado por subsídios teóricos, técnicos e orientação contínua, é desenvolvido em instituições e práticas decorrentes de políticas públicas, sendo a saúde o eixo orientador. É objetivo do estágio, pesquisar, compreender e analisar aspectos relacionados ao SUS, a partir de atividades exploratórias acerca de ações, políticas e programas implementados ou em implantação nos serviços situados em diferentes âmbitos do sistema, não exclusivos ao setor saúde. Ou seja, as atividades são desenvolvidas também no sistema de assistência social, de justiça, de educação e ainda a partir da circulação por diferentes territórios da cidade. Os estudantes se organizam em grupos e de acordo com os temas definidos coletivamente circulam por diferentes instituições. Há diversificada oferta organizada pela docente responsável com apoio de monitores que participaram ao longo dos 15 anos de oferecimento da disciplina e que vem permitindo a construção de uma rede interinstitucional ampliada em diferentes territórios.

Aos estudantes é solicitado que escrevam diários de campo (considerando a perspectiva etnográfica e fundamentados na teoria pichoniana) após a realização das visitas, a fim de que descrevam, com suas palavras, as experiências e reflexões que lhes foram possíveis. O uso do diário de campo como instrumento de pesquisa/ensino/extensão, nesse sentido, mostra-se relevante, pois é por meio dele que se pode sedimentar vivências, elaborá-las e torná-las compartilháveis com colegas, monitores e docente. Essa troca entre todos os participantes da disciplina é fundamental para os seus objetivos e se dá a todo momento ao longo do semestre.

A construção sólida da disciplina nesses anos permitiu sua adaptação para o modelo remoto no período da pandemia do coronavírus, não sem desafios. As instituições parceiras foram convidadas a colaborar com a disciplina por meio da participação de trabalhador/a, gestor/a ou usuário/a que pudesse compartilhar sua experiência, percursos e questões do cenário de prática com os estudantes durante uma chamada de vídeo previamente programada. Os recursos de preparação grupal entre os estudantes antes de uma visita a campo foram mantidos na modalidade remota, para que pudessem identificar em conjunto questões que os motivaram em relação a determinada prática, escolhida por eles dentre as opções oferecidas na disciplina.

Para esta nova modalidade que acumula e acrescenta contribuições para a formação dos envolvidos no processo, foram construídos três eixos de discussão, a saber:

1. Controle Social e Políticas Intersetoriais;

2. Rede de Atenção à Saúde (RAS) e a Atenção básica/primária como estratégia;
3. Saúde Mental e a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS).

Para cada um desses temas foram realizados encontros com diferentes pessoas vinculadas às instituições convidadas. Os temas discutidos na disciplina, somados à experiência dos estudantes com os diversos serviços e instituições, permitiram a construção de um olhar ampliado da realidade dos serviços de saúde, com suas contradições, desafios e potências.

Desse modo, a adaptação da disciplina para meios remotos mostrou-se satisfatória para as condições concretas do momento, no entanto, compreende-se que a possibilidade da vivência dos estudantes estarem presencialmente em uma instituição pública continua sendo essencial para que se possa conhecer e refletir a respeito do cotidiano, da rotina, dos usuários, das relações, do grupo e do território no qual o cuidado e as subjetividades são produzidos.

LIÇÕES APRENDIDAS

A interdisciplinaridade dos temas trabalhados e vivenciados na disciplina refletem a complexidade das questões sociais que atravessam e produzem o cenário de prática em saúde em sua amplitude que, como afirmado anteriormente, ao se unir à experiência dos estudantes com os serviços públicos, possibilitaram reflexões sobre esse campo.

O diálogo construído entre professora, monitores e estudantes desenvolvido através da produção de diário de campo, resenhas, cooperação nos grupos, autoavaliação compartilhada e supervisão das atividades, revelam que a experiência de estudantes produzida por essas atividades abriu novas perspectivas tanto para a vida acadêmica quanto para a vida profissional.

A troca dialógica horizontal produzida pelas práticas grupais estimuladas pela disciplina permite que todos, docentes, estudantes e profissionais aprendam no processo, permitindo retificação e ratificação de seus referenciais conceituais e operativos sobre a realidade.

Trabalhadores que foram estudantes dessa disciplina em anos anteriores relatam que a experiência durante a graduação ofereceu base importante para a construção de referencial teórico-metodológico interdisciplinar que sustenta uma práxis em cenários de prática, onde inseguranças e problemas referidos ao contexto social, ganham novas proporções que exigem novas reformulações.

Estudantes também destacaram que as múltiplas interações de ensino no decorrer da disciplina têm relevância, seja pela possibilidade de serem vividas pela interlocução professor-aluno e de graduandos com pós-graduandos, seja por envolverem contato com equipamentos públicos, permitindo o conhecimento sobre seu funcionamento, ações intersetoriais, incluindo

contribuições da psicologia. Isso é proporcionado pelo estreitamento das relações entre universidade e comunidade externa, acadêmicos e profissionais. Também foram apresentadas reflexões sobre o papel das políticas públicas na vida das pessoas, questionando a produção de bem-estar de usuários e de trabalhadores diante dos desafios no cenário de prática, o que aponta a necessidade de construção e intensificação do trabalho em rede incluindo a universidade.

Considera-se que esta é uma modalidade de trabalho que já vem sendo realizada e que está de certo modo solidificada, o que inclusive permitiu sua realização na modalidade remota, por conta da pandemia de Covid-19, incluindo novas propostas que vão poder fazer parte das próximas versões. Algumas contribuições observadas na versão presencial se mantiveram na versão remota e outras não. Das que continuaram, ressaltam-se a apropriação dos referenciais teóricos, metodológicos e práticos preparatórios ao trabalho de campo e o contato com profissionais da saúde de forma mais indireta por meio de recursos tecnológicos, preservando apenas parcialmente as interações possíveis dessa comunicação entre universidade, territórios e os saberes transmitidos nesse diálogo.

Das que foram interrompidas temporariamente, considera-se como diferencial e grande parte do potencial da disciplina, o trabalho de campo proposto no estágio, uma vez que permite contato direto com lugares, pessoas e suas realidades psicossociais, culturais e históricas, além dos impactos que isso instiga nos alunos. Possibilita também reflexões durante o deslocamento de ir e vir desses lugares sobre a compreensão dos serviços e das dimensões das realidades cuidadas por estes. Por isso, eles foram insubstituíveis pelo ensino remoto.

RECOMENDAÇÃO

O diálogo constante com o outro promovido pela interdisciplinaridade e intersetorialidade é um processo de criação que transforma aqueles que dele participam. É nesse sentido que o diálogo horizontal conquista sua importância fundamental nas experiências de ensino-aprendizagem, que é ampliada com a aproximação entre ensino e serviço relatadas nessa experiência. A partir dessa perspectiva participativa e contextual, conclui-se que a construção de processos de ensino que incentivem posturas de investigação e de produção de conhecimento parece ser mais interessante do que um treinamento repetitivo ou que pouco confere condições para atitudes criativas no trabalho. A adoção desse estilo de ensino reducionista, por sua vez, pode levar a uma mera adequação a lógicas burocratizadas e alienantes, o que não produziria transformação dos envolvidos.

Portanto, a reflexão crítica sobre a formação como objetivo transversal no ensino superior adquire sentido e valor mais amplo, ao se inspirar nos princípios da paideia, que

prezam pela indissociabilidade do ensino-pesquisa-extensão. Considera-se, assim, a necessidade da continuidade de ampliação das reflexões sobre os aspectos destacados a partir dessa experiência de modo que possibilite a ratificação ou retificação deles, assim como uma análise crítica ainda mais rigorosa sobre as possibilidades e limites da adaptação dessas experiências para o ensino remoto.

Palavras-chave: Políticas públicas; Saúde coletiva; Psicologia social; Formação.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, J. & COSTA, J. F. Organização de instituições para uma psiquiatria comunitária. In: AMARANTE, Paulo. *Psiquiatria Social e Reforma Psiquiátrica*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994, pp. 41-72.

COUTINHO, C. N. Notas sobre cidadania e modernidade. In: *Contra a corrente: ensaios sobre democracia e socialismo*. São Paulo: Cortez, 2000, pp. 49-69.

MARTINS, J. S. O falso problema da exclusão e o problema social da inclusão marginal. In: *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997, pp. 25-38.

PAIM, J. *O que é o SUS?* Rio de Janeiro: Editora FioCruz, 2015.

PICHON-RIVIÈRE, E. *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RIVERA, M.F.A. *Gênero na Atenção Básica do SUS: reflexões a partir das práticas de saúde*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

SCARCELLI, I.R. *Entre o hospício e a cidade: dilemas no campo da saúde mental*. São Paulo: Zagodoni, 2011.

SCARCELLI, I. R. *Psicologia Social e Políticas Públicas: Pontes e Interfaces no Campo da Saúde*. São Paulo: Zagodoni, 2017.